A SCENA MUDA

Miss Elsie Ferguson

EU SEI TUDO

Associa seus leitores a seis bilhetes da maior .·. loteria até hoje organisada no Brasil .·.

A GRANDE LOTERIA DO CENTENARIO

Que distribue 9.550.000$000 em 3175 premios, sendo

1 premio	de . . .	5.000:000$000
1 "	de . . .	1.000:000$000
1 "	de . . .	500:000$000
1 "	de . . .	200:000$000
2 premios	de . . .	100:000$000
4 "	de . . .	50:000$000
5 premios	de .	20:000$000
10 "	de . .	10:000$000
50 "	de . .	5:000$000
100 "	de . .	2:000$000
3:000 finaes para a terminação simples do primeiro premio	a .	600$000

EU SEI TUDO adquiriu 6 bilhetes inteiros, cujo custo é de 500$00 cada um, d'esta loteria unica : : que caberão a 3 séries de mil assignantes : :

A cada série de 1:000 assignantes caberão 2 bilhetes.

O processo pára a distribuição dos premios que porventura couberem aos bilhetes de EU SEI TUDO será o mesmo adoptado pela REVISTA DA SEMANA com os bilhetes da Loteria de Hespanha.

Ao assignante da serie cujo recibo tiver a centena do numero premiado caberão 50 °|ₒ do premio, Os nove assignantes cujos recibos tiverem o numero da dezena premiada receberão em rateio 10 °|ₒ do premio. Entre os restantes 990 assignantes será rateada a quantia correspondente a 40 °|ₒ do premio.

Exemplifiquemos para mais clara comprehensão.

Dado o caso de ser premiado com cinco mil contos algum bilhete dos assignantes de EU SEI TUDO estes receberão :

O assignante da serie que abranger o numero premiado, possuidor da centena	2.500:000$000
Cada um dos assignantes possuidor das 9 dezenas	55.000$000
Cada um dos restantes 990 assignantes	2:000$000

Como se apuram as dezenas e centenas?

NOTA : — Ao leitor acudirá logo esta pergunta, pois o assignante que ficar com o numero da assignatura correspondente á centena do numero do bilhete é quem terá todas as probabilidades de ganhar os 50 °|ₒ do premio. Afim de evitar esta desegualdade, o numero que regulará para a distribuição do premio que porventura caiba aos assignantes de EU SEI TUDO não será o numero premiado da Loteria do Centenario, mas sim o numero do 1.° premio da maior loteria de Setembro da Capital Federal.

As assignaturas, cujo preço não foi alterado, estão abertas : : : : : : : : : nesta administração : : : : : : : : : :

Os numeros dos bilhetes que se acham depositados no Banco Nacional Ultramarino são : 1a. série 21.175 e 30.066 ; 2a. série 13.293 e 24.402 : :-: :-: :-: :-: :-: 3a. série 2.184 e 19.957 :-: :-: :-: :-: :-:

A SCENA MUDA

SUMMARIO DO N. 63
.11.° DO ANNO II

HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE

O primoroso magazine "EU SEI TUDO" iniciou em seu numero de Março a 3.ª parte da importante obra

HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE

essa 3.ª parte intitula-se

Os Povos, sua Historia e sua Evolução

ATE' NOSSOS DIAS

A **HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE** é a mais importante obra de divulgação scientifica até hoje publicada em lingua portugueza.

Ao inicial-a, EU SEI TUDO, traçou o seguinte programma, que tem sidó minuciosamente executado :

«Considerar a Creação como um só todo, harmonico e indivisivel ; estudal-o em seu grandioso conjunto e em sua evolução logica, desde a cellula original até o organismo complexo e perfeito ; desde a mecanica celeste, que sustenta e multiplica os astros no infinito, até o desenvolvimento physico e moral da creatura humana e o destino dos povos, tal é o proposito que estabelecemos ao iniciar essa obra.

E' claro que nosso trabalho não irá além de uma modesta compilação dos conhecimentos, que a sciencia tem accumulado e divulgado em obras consagradas. Mas pareceu-nos que seria util aos leitores de "EU SEI TUDO" uma esposição methodica e succinta das grandes leis que regem a Creação e dos grandes feitos praticados pelo Homem em sua marcha civilizadora,; uma historia da Terra e da Humanidade, mostrando-nos a coordenação, que existe entre os principios eternos da Astronomia,, da Phisica, da Chimica, da Electricidade a da moral, pela ligação dos phenomenos ou movimentos materiaes com a evolução intellectual de nossa especie».

De accordo com esse programma, "EU SEI TUDO" tem publicado os diversos capitulos da **HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE** sobre os seguintes pontos principaes :

A ORIGEM DOS MUNDOS E NOSSA SITUAÇÃO NO INFINITO --- A ORIGEM DE TODA A VIDA ATE' A CREATURA HUMANA --- A UNIDADE NO FIRMAMENTO --- O SOL E' UM PONTO NA VIA LACTEA --- COMO SE PROVA QUE A TERRA NASCEU DO SOL --- O SOL E SUA FAMILIA --- COMO A TERRA CHEGOU A SER O QUE E' HOJE --- COMO SE COMPROVA A FORMAÇÃO DA TERRA --- COMO SURGIU A VIDA NO PLANETA --- COMO A TERRA SE MOVE NO ESPAÇO --- A ESPANTOSA EDADE DA TERRA. --- --- --- --- --- COMO FORAM CREADOS OS MINERAES, OS VEGETAES, OS ANIMAES, O HOMEM.

Por ultimo e, sempre fazendo acompanhar o texto com excellentes e minuciosas gravuras, EU SEI TUDO, publicou a 2.ª parte, estudando AS RAÇAS HUMANAS.

AGORA TEVE INICIO A 3.ª PARTE :

Os Povos, sua Historia e sua Evolução até nossos dias.

Com o numero do mez de Março começou o 1.º capitulo.

O POVO ISRAELITA

Sua contribuição para o progresso humano.

A SCENA MUDA

EDIÇÃO DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

DIRECÇÃO DE RENATO DE CASTRO

SOCIEDADE ANONYMA — CAPITAL REALIZADO 500:000$000

Praça Olavo Bilac 12, e Rua Buenos Ayres 103

ENDEREÇO TELEGRAPHICO REVISTA

Telephones: — Directoria N 112; Redacção e Administração N 3660

Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO — DIRECTOR-GERENTE

N. 63 — 11° DO 2.° ANNO || RIO DE JANEIRO, 8 DE JUNHO DE 1922

ASSIGNATURAS

Um anno (serie de 52 numeros) .... 48$000

Um semestre (26 numeros) 25$000

Estrangeiro....... 60$000

Numero atrazado 1$500

REVISTA DA SEMANA

Director

C. MALHEIRO DIAS

ASSIGNATURAS

Por série de 52 numeros (um anno).......... 48$000

6 mezes.............. 25$000

Estrangeiro .... 60$000

Numero avulso........ 1$000

Atrazado............. 1$500

EU SEI TUDO

MAGAZINE MENSAL

ALMANACH EU SEI TUDO

NOVIDADES NA TELA

A FAMOSA BALKIS ERA DE RAÇA NEGRA?

O *film* da Fox *Rainha de Saba*, está sendo exhibido agora em Paris e a esse proposito a grave revista *Mercure de France* resuscitou a velha questão de saber de que raça era BALKIS.

Se buscar-nos o testemunho do *Cantico dos Canticos*«, parece que a illustre rainha era negra, se bem que esta opinião vá contra todas as concepções poeticas e artisticas, que a famosa rainha suscitou, Mas como apoio a essa opinião o *Mercure de France* cita a recente descoberta archeologica do professor GEORGES A. REISE, da Universidade de Harvard, a quem as pinturas, os baixos relevos, as esculpturas sobre os tumulos trouxeram provas de que os habitantes do antigo reino de Saba, na antiga Ethipoia, eram pretos no tempo de SALOMÃO. Ora, foi de Saba que partiu BALKIS, seguido de numerosa tropa de camellos carregados de presentes preciosissimos ao rei SALOMÃO.

O *Mercure de France* relatanos mais que uma traducção de KEBRA NAGAST (a gloria dos reis) acaba de ser publicada em Inglaterra por iniciativa de LORD O. A. WALES BUDGE, conservador das antiguidades, egypcias e assyrias no *British Museum*. O KEBRA NAGAST, que foi escripto no seculo IV antes de J. C. á gloria dos reis de Ethipoia, conta a historia de SALOMÃO mas é necessario não esquecer que o texto actual d'essa obra data do seculo XIV.

A historia não é menos encantadora e suave. Ella diz-nos como a rainha de Saba, tendo ouvido fallar do grande rei SALOMÃO por um chefe de caravana, desejou visital-o. Elle fez-lhe o melhor acolhimento e como a achasse linda, pretendeu retel-a alli promettendo respeital-a: com a unica condicção de que ella juraria que não tomaria cousa alguma que se encontrasse em sua casa. A rainha acceitou.

Mas o rei SALOMÃO era, não se pode duvidar, muito esperto; por que tendo feito servir á rainha, noutro palacio, um banquete cujos pratos eram bem condimentados de modo a lhe causar sêde ardente, deixou-a depois só junto de amphora cheia de agua crystalina.

A rainha não resistiu á tentação e tomando do vaso bebeu longamente.

Immediatamente SALOMÃO appareceu para obervar que, tendo ella quebrado seu juramento, elle não deveria cumprir o seu.

E assim ella tinha que entrar para seu harem. Um anno depois BALKIS deu á luz um filho, que teve o nome de MENELICK ou BAYMA LEMKEM (O filho do homem sabio).

Foi este filho quem mais tarde roubou o Tabernaculo da Lei e levou-o para a Ethiopia, para a maior gloria de seu reino.

Eis como os reis da Ethiopia descendem de SALOMÃO.

MISS RUTH ROLAND, DA PATHE' — NEW-YORK.

Os Gastadores

Conto de HARRY LEON WILSON

Cinematographado pela W. W. Hodkinson, *com a seguinte distribuição:*

Avice Milbrey — Claire Adams
Rulon Shepler — Robert Mac Kim
Peter Bines — Joseph J. Dowling
Percival Bines — *Betty Brice*
Mrs. Bines — *Adele Farrington*
Mrs. Athelstane — *Virginia Harris*
O Sr. Milbrey — *Tom Ricketts*
Abel Trummel — *Otti Lederer*
Lord M auburn — *Harry Holland*

Quando partia de Montana-City para New-York, o elegante PERCIVAL BINES, filho do fallecido DANIEL BINES, que fôra um grande pesquizador de minas naquella região, tem occasião de conhecer aquella, que o destino reservára para personificar em sua existencia toda a felicidade — a linda AVICE MILBREY, que ia fazer a mesma viagem no luxuoso wagon especial do millionario RULON SHEPLER, grande financeiro que, embora moço ainda, dominava despoticamente o mercado de metaes naquella provincia e tinha por isso grande influencia mesmo na opulenta Bolsa de New-York.

AVICE viaja alli em companhia de seu pai, que foi convidado por SHEPLER não sómente por que é um homem sensato e de bom conselho em negocios commerciaes mas por que o joven e impetuoso financeiro affaga secretamente a esperança de ser um dia amado por AVICE.

Dous convivas de bom humor.

O actor Robert Mac Kim, no papel de Shepler.

Em New York, aquella sympathia não tarda a se desenvolver num idyllio.

Percival não podia consentir que Shepler assim tratasse aquella que já considera sua noiva.

Mas essas cousas não são faceis de conquistar nem a golpes de audacia nem com tramas geitosas, como os syndicatos co minas ou as combinações bancarias.

AVICE, que nunca lhe déra a-

(Continua na pagina 28)

O velho Peter mantem-se impenetravel e seu sobrinho não consegue comprehender os designios que o trouxeram a New York

Avice veiu procural-o. Rico ou pobre... Que importa? Elle é o escolhido de seu coração

Foi então que começou a apparecer no cabaret o sr. William Blaine, um banqueiro de Shangai e velho amigo de seu pai.

No fim do mundo

Conto de Ernest Klein

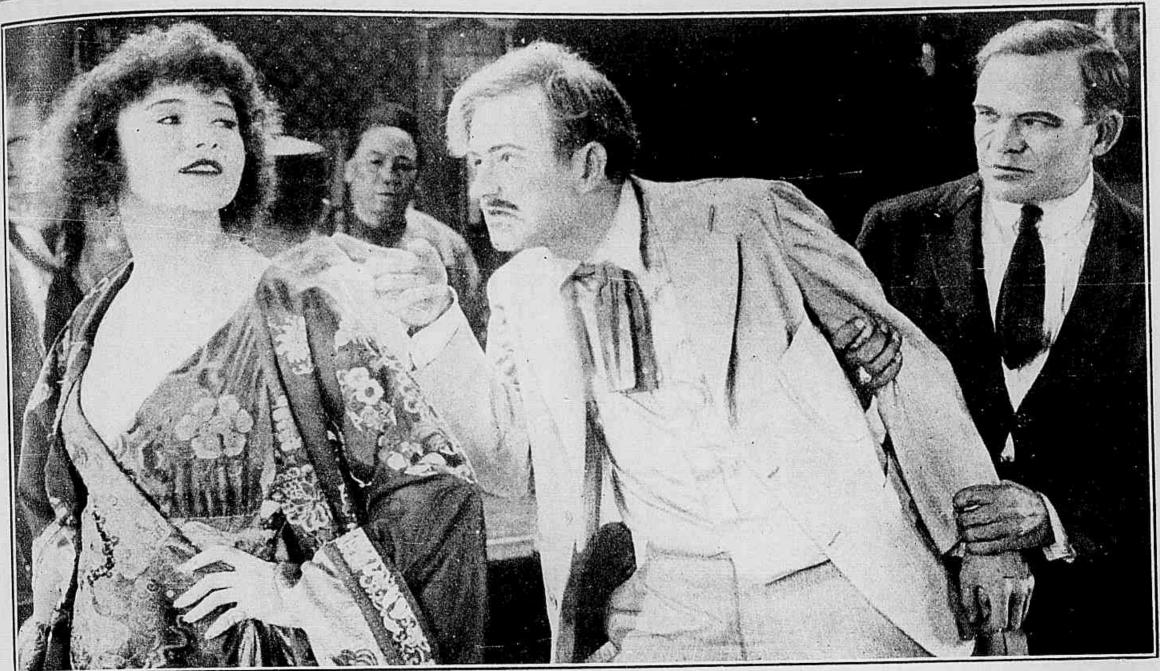
Cinematographado pela Paramount Pictures *com a seguinte distribuição*

Cherry O'Day, a Rainha da Lanterna — Betty Compsom
Gordon Deane — Milton Sills
Donald Mac Gregor — Mitchel Lewis
Harvey Allen, o caixa do banco — Casson Ferguson
William Blaine um banqueiro — Joseph Kilgour
Terence O'Day, pai de Cherry — *Spottiswood Aitken*
Yang — *Goro Kino*

Terencio O' Day era proprietario de um *cabaret* e casa de jogo, em Shanghai, o mal afamado senão famoso *cabaret* da Lanterna, onde sua propria filha, a linda e graciosa Cherry, era o principal attractivo, a bailarina sempre applaudida, a sereia irresistivel que attrahia os ricos para as mesas de roleta e os menos abastados para o *bar*.

Note-se que a pobre moça não exercia essa aviltante profissão por gosto pessoal ou por tendencia propria para aquelle meio. Orphã de mãi, nascera no *cabaret* e seu pai, homem absolutamente sem escrupulos, minado pelo abuso do alcool, da morphina e outros perigosos anesthesicos, perdera o senso moral a ponto de conservar sua filha junto de si, naquelle antro, por que a estimava a seu modo e julgava que peior seria confial-a a extranhos.

De resto elle proprio era uma victima de erros antigos. Desmoralisado pelo meio de vida, que a necessidade o obrigara a ado-

Era ella quem attrahia para as mesas de jogo os clientes ricos.

Indifferente e zombeteira, Cherry supportava com paciencia os mais irritantes freguezes do bar.

ptar, desde muitos annos, elle se habituara a conhecer a humanidade por seu peior aspecto e não acreditava que pudesse encontrar p e s s ô a sufficientemente honesta e leal a quem pudesse encarregar da educação de CHERRY. Alli, ao menos, tinha-a sempre sob sua directa vigilancia e saberia defendel-a.

Um dia... Quem sabe?... Um dia talvez lhe apparecesse um homem de bem, disposto a desposal-a. Ella era tão bonita que bem podia inspirar uma paixão sincera e desinteressada, a um homem capaz de arrancal-a d'aquella situação e lhe assegurar o futuro.

Um dia, de facto, appareceu um pretendente á mão de CHERRY; é um embarcadiço, um simples piloto, homem sem educação, mas honesto, leal. Chama-se DONALDO MAC GREGOR e, respeitosamente, antes, de dirigir qualquer galanteio á moça, começa por communicar ao velho O' DAY seu desejo de fazer d'ella sua esposa.

Mas está preso por um contracto, que o obriga a partir immediatamente para uma nova viagem, que deve durar um anno. Promette, comtudo, que voltará para se casar com CHERRY.

Poucos dias depois de sua partida chega a Shanghai e vai ao *cabaret* da Lanterna o SR. GORDON DEANE, um romancista, que anda percorrendo o mundo em busca de assumptos e scenarios exoticos. CHERRY, que se mantivera indifferente ás propostas de DONALDO, acceitando-as apenas por que seu pai lhe fizera ver que ella precisava de ter um amparo seguro, muda completamente desde que conhece GORDON, apaixona-se por elle e, desde esse dia, não pode imaginar sua existencia senão ao lado do escriptor.

Mas dir-se-hia que o accaso se comprazia em contrariar sua i n c l i n a ç ã o. GORDON, que tambem parecia vivamente interessado por ella, recebe um t e l e g ramma, que o obriga a affastar-se subitamente de Shanghai, sem se ter atrevido a lhe fazer uma declaração formal; e a moça, profunda mente desapontada com esse desapp arecimento, que considera inexplicavel cahe em profundo abatimento, aggravado por seu estado de espirito, por que, como é natural, desde o mo men to em que seu coração fallou e ella começou a architectar planos de felicidade n u m lar tranquillo, sentiu nitidamente a ignominia da existencia, que supportára até então e não poude mais ouvir sem indizivel horror as pilherias e lisonjas dos frequentadores do *cabaret*.

P a s s am-se alguns mezes sem que cheguem noticias de GORDON e outro apaixonado começa a

O banqueiro entrou a requestal-a com infatigavel insistencia.

A situação tornou-se delicadissima para Cherry, entre os ciumes desvairados de Donaldo e Harvey.

requestal-a com insistente empenho. Esse novo pretendente é o SR. WILLIAM PLAINE, um banqueiro da cidade e velho amigo de seu pai. CHERRY nunca lhe daria attenção se uma desgraça irreparavel não a viesse ferir de improviso. Uma noite, em um conflicto, que irrompe no *bar*, o velho O'DAY é ferido tão gravemente, que morre em poucas horas, e, ficando em completo abandono, sem recursos e sem amparo, CHERRY não tem outro remedio senão consentir em casar com o SR. BLAINE.

Bem triste casamento aquelle; a differença de edades tornava desde logo bem claro que não podia haver ternura em similhante casal; alem d'isso, o SR. BLAINE, homem voluntarioso, que não conhecêra outra lei senão a de seus caprichos, satisfeita a fantazia de apresentar á alta roda estrangeira de Shanghai, como sua esposa, uma creatura de belleza soberana e incontestavel, descuidou-se d'ella por completo, empregando todo o seu tempo nas multiplas e complicadas especulações de Bolsa, que constituiam seu melhor prazer.

Ao fim de pouco tempo, o caixa do banco, HAVEY ALLEN, notando o abandono em que vivia a esposa de seu patrão, entrou a fazer-lhe a corte e para ostentar a seus olhos luxo de que era incapaz, deu um desfalque na casa. BLAINE porem era um administrador attento, não tardou o descobrir o roubo e, chamando ALLEN á sua presença, intimou-o a restituir o dinheiro no prazo de 24 horas, sob pena de ser entregue á policia.

No mesmo dia em que se deu esse incidente no banco, GORDON DEANE voltou a Shanghai e, sabendo do casamento de CHERRY com o banqueiro, facilmente imaginou que ella fora obriga-

(Continua na pag. 26.)

Uma noite, o romancista teve que intervir para deter os desmandos de um ebrio, que importunava a rainha da Lanterna

Se faz um só gesto contra mim, se me toca de leve sequer, mato-me!

Paixão de barbaro

— OU —

(O SHEIK)

Conto de EDITH M. HULL

Cinematographado pela Paramount Pictures *com a seguinte distribuição:*

Diana Mayo — AGNES AYRES
O Sheik Ahmed Ben Assan — RUDOLPH VALENTINO
Raul de Saint Hubert — *Adolphe Menjou*
Omair — *Walter Long*
Gastão — *Lucien Littlefield*
Yousse — *George Wagganer*
Uma escrava — *Ruth Miler*
Sir Aubrey Mayo — *F. R. Butler*

AHMED BEN HASSAN era o mais garboso, o mais bravo, o mais nobre e cavalheiresco de todos os *sheiks*, que vinham até á orla do Sahara, quasi até ás povoações argelinas e francezas trazer seus mercadores ou seus guerreiros, conforme o tempo era de paz, propicia ao commercio; ou de rancor, que faz fallar a polvora.

Um dia, em uma d'essas excursões AHMED tem occasião de encontrar uma formosa *touriste* ingleza, MISS DIANA MAYO, e, deslumbrado pelo fulgor de seus olhos maravilhosos e de seu divino sorriso, sentiu no peito um impeto de paixão irresistivel e no cerebro uma ambição bem digna de sua alma de nomade.

Conquistar aquella beldade... Não pelos processos aviltantes e humildes, peculiares aos Christãos, mas como um verdadeiro Arabe: conquistal-a pelo rapto, apoderar-se d'ella, leval-a para sua tenda num *oasis* distante e tel-a alli como escrava submissa.

E, agora, o amor fal-a considerar doce e invejavel a situação de escrava.

MISS DIANA tem noticia de sua paixão e seus atrevidos planos; mas não se intimida; ao contrario, acha pittoresco e sensacional aquelle incidente de viagem.

Que deliciosa aventura! Inspirar uma paixão vulcanica a um homem do deserto, um *sheik* authentico a ver-se ameaçada de rapto, de escravisamento...

Como haviam de rir e de pasmar suas amigas de Londres, quando ella lhes relatasse esse episodio de sua excursão pela Africa! Pena é que não tenha uma oc-

Tendo sido atacada sua caravana, miss Diana seu irmão defendem-se a tiros de revolver.

A luta.

casião de encontrar e conhecer pessoalmente esse nomade impetuoso.

Uma tarde, estava MISS DIANA em uma roda de pessôas amigas, em um hotel de Biskra, quando lhe vieram dizer que seu apaixonado ia nessa noite a uma festa franco-arabe, que se realisaria no Casino da Cidade. Não podendo cont r a curiosidade, a nobre e imprudente MISS obtem um convite para essa festa e vai ao Casino, cuidadosamente disfarçada, certa de que assim poderá observar o *sheik*, sem que elle desconfie sequer de sua presença. Porem AHMED reconhece-a immediatamente e, com ousadia inaudita, reune alli mesmo os guerreiros de sua tribu, que o acompanharam, para raptal-a immediatamente.

E teria conseguido levar a cabo seus atrevidos desiginios, se MISS DIANA, tambem resoluta e corajosa, não fugisse por uma janella, disparando o revolver contra os que tentavam persegui-la.

Mas, poucos dias depois, MISS DIANA e seu irmão AUBREY são convidados para um passeio aos *oasis* mais proximos de Biskra e, tendo noticia d'esse facto, por seus espiões, AHMED cerca a caravana de excursionistas, ataca-a com impeto magnifico e, conseguindo habilmente afastar a moça de seus companheitros, foge com ella para um refugio distante, que os Christãos não conhecem e não podem alcançar.

Eis afinal em seu poder aquella creatura orgulhosa e linda, que tanto cubiçava. Alli ella é sua, inteiramente sua e elle ordena-lhe que se submetta a suas ordens de senhor absoluto. MISS DIANA tenta revoltar-se; mas que pode ella, desarmada e só, contra aquelle homem moço, robusto e altivo, que todos no *oasis* reconhecem como rei? Ella passa a supplicar; implora a piedade do raptor, porem elle sorri escarninho e ha em sua face uma expressão de alegria tão feroz e vaidosa que nenhuma esperança resta á prisioneira.

Mas não... De subito ,elle se detem e afasta-se como que receioso de tocal-a. Viu-a cahir de joelhos e orar, beijando um cruxifixo, que trazia occulto no corpete. Aquelle gesto de fervor humilde, de resignação suprema, causava ao *sheik* uma emoção indefinivel; dir-se-hia que trazia a seu cerebro a lembrança de uma impressão muito antiga e muito doce... mas que elle não consegue determinar bem.

Onde vira elle já aquelle gesto que assim o impressionava tanto? Não o sabia, mas contido por aquelle incidente, passou a tratar DIANA como uma creatura sagrada; deixou-a ficar em sua tenda, sugeita ao mesmo regimen de vida de outra qualquer escrava; mas nunca mais tentou dominal-a.

Passaram-se assim algumas semanas e nada indicava que aquella existencia pudesse mudar uma dia; MISS DIANA não entrevia uma possibilidade de voltar á civilisação, a sua patria, ao convivio das creaturas de sua raça e de sua religião... Entretanto, comsigo mesmo, ella era forçada a reconhecer que não aspirava com anciedade o dia de sua libertação; ao contrario, sentia se quasi feliz naquella existencia vegetativa, ao lado de AHMED.

Mas uma tarde ,a prisioneira teve um movimento de colera, quando o joven *sheik* lhe veiu communicar que ia receber a visita de um amigo christão; o SR. RAUL DE SAINT HUBERT, escriptor especialista em assumptos musulmanos, que tinha relações cordeaes com quasi todos os chefes das tribus do deserto. A ideia de que ia ser apresentada como escrava a um homem de sua raça, causou a DIANA uma sensação de humilhação intoleravel.

Como se comprehendesse esses sentimentos, AHMED fez o possivel para poupar seu amor proprio. Restituiu-lhe seus vestuarios europeus, apresentou-a ao escriptor, dizendo-a uma jornalista, que alli estava para se documentar sobre os costumes dos nomades e, durante a estadia do SR. DE SAINT HUBERT no acampamento, permittiu-lhe que o acompanhasse em suas excursões a cavallo pelos arredores. Num d'esses passeios, aproveitando uma distração do *sheik* ella poz o cavallo a galope e partiu loucamente pelo areial, em caminho de Biskra, em caminho da liberdade. Pouco tempo durou a temeraria tentativa. Pouco habituada a andar por aquelle terreno movediço, ella não soube sustentar o animal, que tropeçou e cahiu, partindo uma das pernas dianteiras.

D'esta vez a linda Ingleza está diante de um perigo terrivel. Abandonada e só na immensa planicie, arriscada a morrer de sêde ou victima das féras, que

A capitulação.

Agora é como amigos e alliados que atravessam o deserto.

apparecem por alli, logo que a noite vem. Avista ao longe uma nuvem de poeira e precipita-se a seu encontro, julgando tratar-se de uma caravana. Cruel engano. Quem alli vem é OMAIR o salteador, á frente de seu bando temivel; OMAIR, cujo nome enche de horror os mais valentes.

Felizmente AHMED não tardou a ter noticias do transe em que ella se encontrava. O bandido espalhara seus espiões pelos arredores e um d'elles, approximando-se demasiadamente do *oasis* sugeito á soberania d'esse *sheik*, cahiu nas mãos de suas sentinellas. Levado á presença de AHMED, o miseravel relatalhe que seu chefe acaba de encontrar uma Européa, levando-a para a montanha, onde tem estabelecido seu quartel-general. Immediatamente, o *sheik* põe-se á frente de seus garbosos cavalleiros e parte a atacar o bando.

O combate é porfiado e sangrento; o proprio AHMED, precipitando-se com furia louca contra OMAIR é por elle ferido; mas o bandido não tarda a cahir morto, sob o sabre de YUSSEF o fiel tenente do *sheik*; e a morte do OMAIR desencoraja seus companheiros, fal-os fugir como um bando de hyenas, ao alvorecer.

Voltam então ao *oasis* e, durante o longo tratamento que o estado de AHMED exige, velando por elle como a mais dedicada das enfermeiras, MISS DIANA ouve do SR. DE SAINT HUBERT a historia do *sheik*, sua

(*Continua na pag. 29.*)

Apoz renhida batalha, a formosa Ingleza cahiu em poder do fero e implavel Omair

Os prodigios da pressa

Gratificação de 5.000 dollars para vocês quatro, se a primeira copia da film chegar a 15 de Dezembro a New-York.

Tal foi a communicação recebida por um chefe de operadores da *Universal*, o Sr. Arthur Ripley, no dia 5 de Dezembro. Tratava-se do film sensacional *Mulheres frivolas*, que ha um anno estava em execução.

Sua realisação tinha absorvido já um milhão e meio de dollars, para elle houvera necessidade de reconstituição, em Universal City, do casino de Monte Carlo e do Café de Paris, segundo o curioso processo dos ensaiadores norte-americanos, que, não conseguindo ir ao encontro de uma montanha, fazem-a vir a elles.

Convinha á empreza fazer a exhibição d'esse film no dia 1.° de Janeiro, na Broadway.

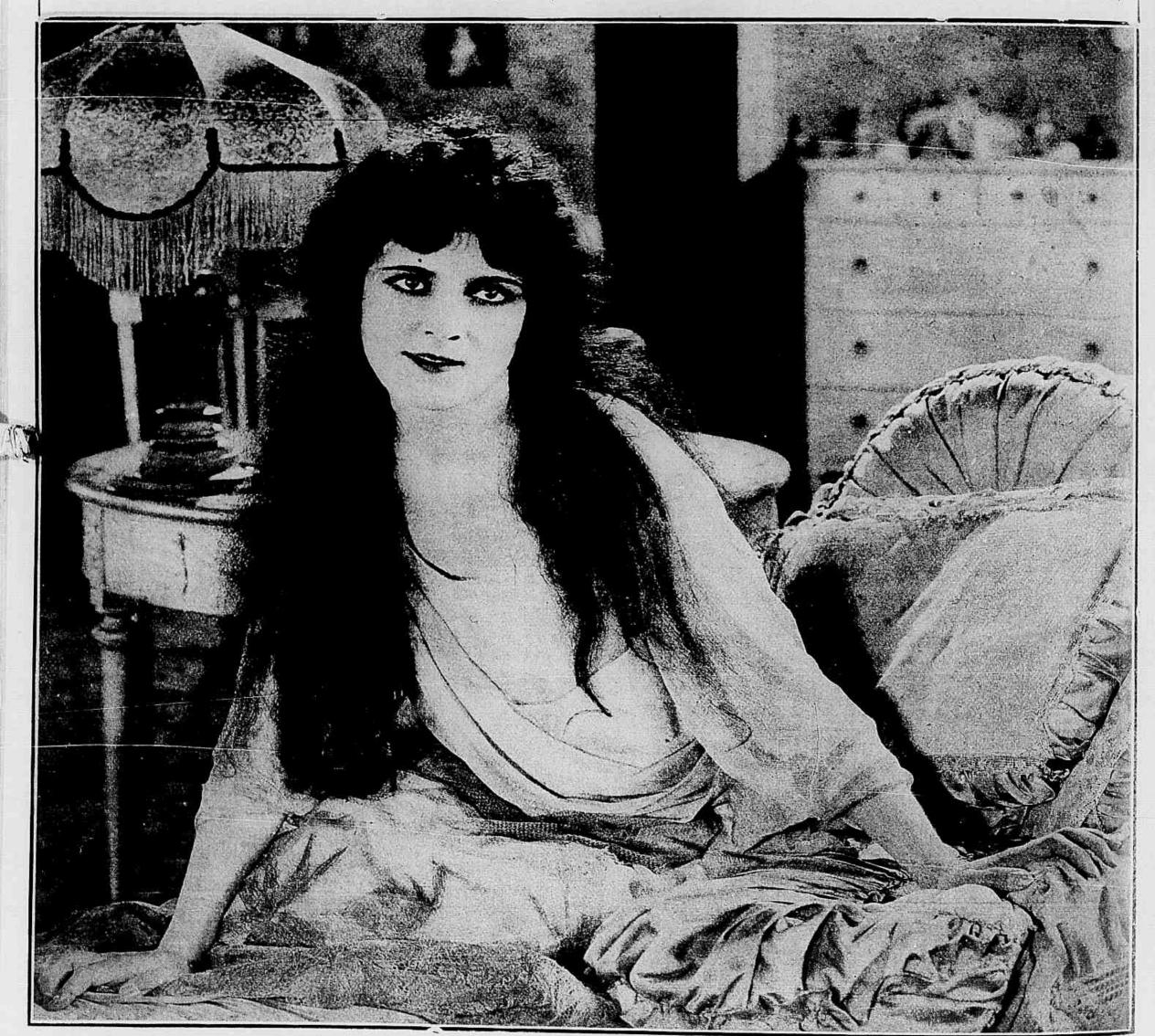
Ora, para que o film estivesse em New-York no dia 15 de Dezembro, Ripley devia expedil-o a 7. Não tinha pois, senão dous dias. Cercado por seus operadores e miss Ainsles, redactora dos titulos, verificou a impossibilidade material de fazer neste tempo o trabalho de laboratorio, que ainda restava completar.

Muito bem! Quarenta e oito horas mais tarde, as *Mulheres Frivolas* sahiam de Los Angeles! Partiam em um vagon especial ligado á machina do *Pacific Express*, um soberbo *Pulmann* transformado em sala de operação, de expedição e de censura, com um *écran* apparelho de projecção, dynamo, etc.

Emquanto o expresso devorava o espaço de Oeste a Leste, noite e dia, trabalhava-se no *Pulmann*. Em cada estação, policiaes, bombeiros, especialmente pedidos, cercavam o vagon. Em cada cidade, grande ou pequena os directores cinematographicos, telegraphicamente informados vinham á estação onde as scenas do film lhe eram mostradas.

Depois de cinco noites, quasi sem dormir, Ripley entregou seu trabalho terminado no *hall* da estação central de New York.

Katheen Kirkam é americana, e não canadense como se dizia: nasceu em 1895 em Menominee, Michigan — tem sido a heroina de varios films em series, e, actualmente vai trabalhar como dama galã de Douglas Fairbanks.

Ruth Cliford tem 22 annos Nasceu em 17 de Fevereiro de 1900.

Miss Claire Adams da "Associated Producers".

Os namorados no cinematographo — **EARL MELCALFE** e **ANN Q. NILSON**, da *Pathé New-York*

Ao ouvir essas palavras, Jorge não poude conter um gesto, movendo a armadura que o escondia

Os Piratas do Ouro

Tendo como protagonista GEORGE B. SEITZ

Em quanto JORGE viaja num rapido trem, os dois para que o chefe SIEBERT não saiba do lamentavel erro da indicação fornecida, resolvem seguil-o afim de arrebatar-lhe o mappa.

O trem devora distancias e JORGE se adextra no trabalho de se disfarçar como seu pai lhe aconselheu e nos meandros do codigo secreto com que se deveria communicar com elle em caso de successo ou de insuccesso de sua difficilima empreza.

Trefego e sempre vibratil, JORGE procura insinuar-se junto de uma linda creatura, que viaja no mesmo trem, a linda GABRIELLA DE SUDAN, que elle logo considerou a moça mais bella d'este mundo.

Chegado á estação de destino, apeiara-se GABRIELLA recebendo beijos e abraços de muitos parentes e amiguinhas que a tinham ido esperar.

JORGE fingiu-se tambem elle um velho conhecido da tentadora jovem; e záz pespegou-lhe um beijo...

Escusado é dizer que teve que fugir depois d'essa audacia porem TANNER e KAYD não o perdem de vista.

CAPITULO II — DYNAMITE

O nosso heroe tratou logo de se dirigir ao logar indicado pelo mappa e deu inicio aos trabalhos preliminares de investigação afim de fixar o ponto exacto onde deve ser encontrado o thesouro.

As indicações do mappa assignalavam como ponto de partida para as medições uma escarpada á beira de uma praia. Mas como ha muita MARIA na terra, assim havia naquelle logar muitas escarpadas e JORGE, como qualquer mortal, sem estudar cuidadosamente a situação do terreno, começou a medir.

A trena levou-o até uma vivenda onde não encontrou viv'alma. Escalou uma janella continuando a medição.

Alli dentro porem, vigiando qualquer cousa que os interessava estavam KAYD, TANNER

Livre então dos bandidos, Jorge entrou em explicações com miss Gabriella

e seu façanhudo chefe, que organisavam o plano para frustar as investigações de JORGE. Entre elles trava-se formidavel e desegual luta, que termina não pela derrota de JORGE mas por seu cansaço.

E elle teria succumbido se alguem não chegasse e com a sua presença não puzesse em fuga os meliantes, dando a JORGE tempo apenas para se esconder atraz de uma armadura.

Dois homens acompanhavam até aquella casa uma moça. E quem havia de ser? A propria GABRIELLA que parecia alli ter chegado para castigar o audaz JORGE, que ousára sem conhecel-a dar-lhe um beijo, quando desembarcava na estação.

JORGE entretanto logo ao chegar, percebendo o perigo que corria de enfrentar sózinho as iras e a perseguição dos dois bandidos TANNER e KAYD auxiliados agora por chefe SIEBERT, telegraphára a seu pai para que viesse em seu auxilio, pois já tivera occasião de apreciar e sentir a força de seus perseguidores, que, como vimos no correr de nosso narração, são os mesmos farçantes, que lhe impingiram o mappa

(Continúa na pagina 30)

Nessa viagem aventurosa, Jorge começou bem; começou por encontrar uma linda moça, que ia no mesmo wagom e pareceu sympathisar com elle

Sakounine e o commandante do yacht trazem á falsa orphã a noticia da morte do conde de Réalmont

Dolores começa a se aterrorisar diante da infamia de seus proprios cumplices

A Orphãsinha

Romance de

LOUIS FEUILLADE

Cinematographado pela Gaumont

(Continuação)

CAPITULO VIII — A CONQUISTA DE UMA HERANÇA

O bravo NEMORIN tinha ido a Nice, á Villa Montalba, mas já o *yacht* partira para a Argelia, levando o conde de REALMONT, DOLORES, que passava por sua filha e SAKOUNINE. Por isso, nada mais podendo fazer para alcançal-os, o decidido rapaz resolveu ir á aldeia de S. Lourenço dos Alpes, afim de se encontrar com JEANNE e com EUPHRAZIA.

O conde ia á Africa cumprir uma missão sagrada; ver o tumulo da unica mulher a quem dedicára seu amor. No tombadilho, gozando a viração do mar elle contou a SAKOUNINE que já fizera seu testamento, instituindo a filha sua herdeira universal, mas não esquecendo do amigo, SAKOUNINE, para quem deixava tambem alguma cousa.

O miseravel, ao ouvir essa revelação, exultou, pois que isso vinha mais animal-o na concepção de um plano sinistro, que executou pouco depois, visto como, achando-se elle e sua victima sósinhos no tombadilho, o russo julgou azado o momento para impellir o conde sobre a borda do barco, atirando-o á agua.

Commettido o attentado esperou que se passasse bastante tempo, depois tirando do bolso uma carta ,que elle proprio escrevera, falsificando a lettra do conde começou a bradar por soccorro, explicando que o conde se atirára ao mar, deixando-lhe aquella carta...

O commandante do *yacht* fez o possivel para salvar o desgraçado, mas o escaler descido ás ondas em vão prescrutou em derredor e na esteira do navio. A carta do conde declarava sua intenção de suicidar-se.

Entretanto NEMORIN chegava a S. Lourenço, onde logo conseguiu encontrar sua namorada ,explicando toda a verdade não sómente a ella como tambem ao bom vigario. Depois

(Continúa na pagina 32)

O resultado de um passeio de automovel quando se está apaixonado

MISS ALLA NAZIMOVA, no bailado do film *Olho por olho, dente por dente*

O miseravel insiste em approximar-se, porem ella defende-se com energia

Herbert vem trazer-lhes uma bôa noticia. Obteve seu primeiro premio e nada mais impede seu casamento!

APPARENCIAS

Conto de EDWARD KNOBLOCK

Cinematographado pela Paramount Pictures, *com a seguinte distribuição :*

Herbert Seaton, um architecto — DAVID POWELL
Kitty Mitchell — MARY GLYNNE
Sir William Rutherford — *Langhorne Burton*
Lady Rutherford — *Mary Dibley*
Ignez, irmã de Kitty — *Marjorie Hume*
Dawkins — *Percy Standing*

KITTY MITCHELL e IGNEZ MITCHELL são orphãs e ganham corajosamente os meios de subsistencia; a primeira trabalha como secretaria particular de SIR WILLIAM RUTHERFORD, um velho e rico fidalgo, que dedica seus amplos lazeres a pesquizas archeologicas, ao passo que IGNEZ não dispondo de egual preparo mental, sugeita-se a ser gerente de uma pequena casa de chá.

Entretanto, a situação de IGNEZ é moralmente bem melhor do que a de KITTY por que LADY RUTHERFORD não a pode supportar; tem por ella ciumes que não disfarça e que a levam a interpretar mal todos os actos, por mais innocentes que sejam, da joven e linda secretaria de seu marido. Ora, a verdade, é que KITTY está bem longe de suppor que inspirou uma louca paixão ao velho fidalgo; nunca deu por isso, mesmo por que tem seu coração occupado e dedica todo o seu amor a HERBERT SEATON, um jovem architecto, que apenas espera ganhar o sufficiente para desposal-a.

Infelizmente, KITTY collocou muito mal sua affeição. HERBERT é um bom rapaz estima-a sinceramente, é trabalhador e procura com louvaveis esforços fazer carreira; mas tem um grave defeito: dá uma importancia exaggerada á aureola social, e, convencido de que sem bôas apparencias não é possivel ser tomado no verdadeiro valor, faz sacrificios indiziveis e commette verdadeiros imprudencias para se manter com exteriodidades muito superiores a seus recursos.

Um dia, finalmente, elle vem radiante trazer a KITTY uma grande noticia.

Obteve o primeiro logar no concurso aberto por um poderoso syndicato para a edificação de um collossal café concerto. D'esta vez não tem mais duvidas; aquelle premio vai lhe trazer a notoriedade, as encommendas vão affluir, numerosas e magnificas e elle não tardará a fazer fortuna.

E, para celebrar aquella data feliz, convida KITTY para nessa noite ir ao theatro em sua

Herbert fica profundamente irritado ao ver aquelle cheque e prohibe que sua esposa o receba

Dous namorados surprehendidos, em flagrante de idyllio

companhia. Emocionada e tambem satisfeita com a victoria de seu amado, KITTY concorda.

Quando sahe do palacio do LORD, ainda vibrante de alegria, o architecto encontra seu amigo DAWKINS, um especulador muito pouco escrupuloso, que tem o vicio de se vangloriar de triumphos sentimentaes. Vendo-o sahir da casa de LORD RUTHERFORD, DAWKINS, immediatamente começa a lhe narrar uma "aventura", que tem alli.

— Não imaginas!... Uma creaturinha linda... a secretaria do duque. Está loucamente apaixonada por mim...

HERBERT tem um impeto para atiral-o ao chão com um socco mas sorri e limita-se a convidal-o para ir ao theatro nessa noite. E é de ver a surpreza enleiada do especulador, quando o architecto lhe apresenta sua noiva.

O novo e monumental *music-hall* está em construcção; o retrato de HERBERT SEATON appareceu em todos os jornaes acompanhado por lisongeiros adjectivos e o rapaz resolveu não esperar mais. Realisou seu casamento com KITTY e installou seu lar endividando-se grandemente para montar casa com luxo excessivo, sempre de accordo com sua incuravel preoccupação de que é preciso "apparentar". Em plena lua de mel as contas chovem sobre elle dia e noite mas o imprudente persiste naquelle esforço de impressionar os clientes, convencido de que só assim lhes inspirará consideração.

Está o jovem casal nessa situação, quando KITTY recebe uma carta de LORD RUTHERFORD. A esposa do millionario fidalgo falleceu subitamente em um desastre de automovel e, examinan-

Para «apparentar», para manter exterioridades, quanta miseria ella supporta em seu lar.

do seus papeis, o LORD verificou que a despeito de suas ordens, KITTY retirou-se de sua casa sem haver recebido a importancia correspondente á ultima semana de seu serviço; por isso escreve-lhe, explicando o que occorreu e enviando-lhe um cheque de vinte e cinco libras, como indemnisação.

HERBERT, que sabia da paixão do LORD por sua secretaria, tem um accesso de colera furiosa e prohibe expressamente a esposa de receber aquelle dinheiro.

Faz mais; para ficar bem certo de que ella não desobedeceá a essa prohibição, accrescenta dois zeros aos algarismos do cheque, elevando assim seu montante para duas mil e quinhentas libras.

KITTY ri d'esse ciume e d'essas precauções inuteis. O caso lhe parece tão sem importancia que ella o esquece sobre a mesa.

Grave tolice; por que, pouco depois, vindo visitar HERBERT, DAWKINS encontra alli o precioso papel e, disfarçadamente mette-o na algibeira, disposto a tirar d'elle qualquer partido.

Dias depois, LORD RUTHERFORD que se informou habilmente sobre a situação de KITTY e sabe que seu marido está vivendo com difficuldade, manda-o chamar a seu gabinete e, bondosamente, propõe-se a auxilial-o, fornecendo-lhe capitaes necessarios para que trabalhe por sua propria conta. Não podendo esquecer que aquelle homem, embora muito mais edoso do que elle teve pretenções sentimentaes sobre KITTY, o architecto recusa brutalmente e continua a fazer prodigios de audacia para continuar a viver com ostentação, a despeito das

(Continua na pagina 29)

As estrellas da scena muda — **MISS EDNA MURPHY**, da *Fox Film Corporation.*

O PAVÃO DE BROADWAY

Conto de JULIA TOLSVA

Cinematographado pela Fox Film Corporation *com a seguinte distribuição :*

Myrtle May — PEARL WHITE
Haroldo Van Tassel — *Joseph Stryker*
Rose Ingraham — *Doris Eaton*
Jerry Gibson — *Harry Southard*
Mrs. Van Tassel — *Elizabeth Garrison*

DE uma belleza fascinante, radiosa e vivaz, MYRTLE MAY era a estrella do *Cabaret Rouge*, um dos mais famosos de Broadway e que grangeára sua invejavel popularidade e sua innumeravel concorrencia exactamente graças a MYRTLE, que era a mais querida e popular d'entre as bailarinas, que seduziam o publico newyorkino.

Para esse publico : isso é para a grande massa de ociosos e ricaços, que vivem principalmente á noite nas casas de diversões MYRTLE era simplesmente uma sacerdotiza de Terpsychore, uma creatura destinada a divertir as outras; pouca gente se lembrava que ella tinha uma alma, sentimentos e ambições como todas as creaturas humanas. E a verdade é que a despeito de suas exterioridades frivolas e de sua apparente e infatigavel alegria, MYRTLE possuia um cerebro frio e calculista e não perdia por um só instante a preoccupação de aproveitar uma opportunidade para organisar sua vida regularmente e ser "alguem", em uma sociedade respeitavel.

Ultimamente sua attenção se concentrou sobre HAROLD VAN TASSEL, um rapaz de excellente familia, filho unico de uma senhora viuva e muito rica; mas—infelizmente para os planos de MYRTLE — muito ciosa do bom nome de sua familia e sempre inquieta quanto ás affeições de seu filho, receiosa de que elle caia victima das artimanhas de alguma intrigante, que apenas deseja conquistar sua fortuna.

Porem confiante no poder maravilhoso de sua

Céga pela ambição e pelo amor, Myrtle recusa ouvir os conselhos de sua amiga Maude

Considerando aquelle amor uma ingratidão, uma traição innominavel, Myrtle expulsa de sua casa Haroldo e Rosa.

Aquella é a mais grata visita que ella recebe no dia de seu anniversario

A attração d'aquella sympathia é irresistivel e Haroldo confessa a Rosa seus sentimentos

belleza, MYRTLE entabola um *flirt* assiduo com HAROLDO, resolvida a leval-o até o casamento, a despeito dos zombeteiros mas muito criterioso conselhos de sua amiga MAUDE RANGER, que foi sempre a confidente de seus sonhos mais secretos e, conhecendo bem o caracter de MRS. VAN TASSEL, insiste em prevenir a bailarina de que está perdendo seu tempo.

— Não faz mal — responde MYRTLE — que posso eu perder com isso?

— O menos a que te arriscas — replica MAUDE — é a cahir na propria armadilha, que estás preparando; acabares apaixonada por esse rapaz e soffreres, alem do desengano, uma magua sincera.

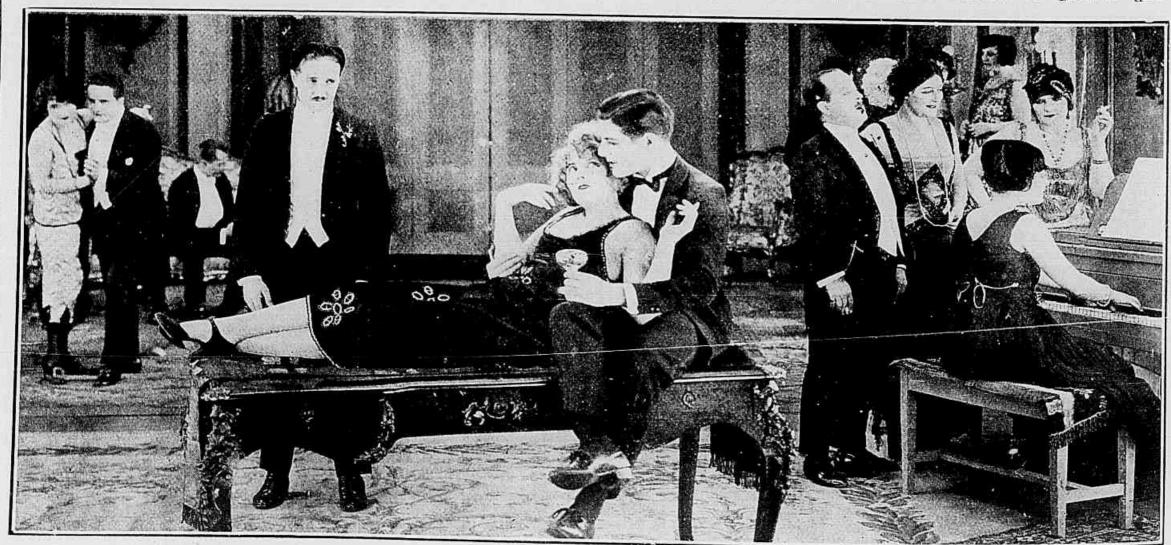
Uma tarde quando voltava de um ensaio no *cabaret*, MYRTLE salta de seu automovel para intervir em um d'esses incidentes de rua, muito communs nas grandes cidades.

Uma moça vestida modestamente, porem, com decencia corria pela calçada, procurando em vão fugir aos galanteios grosseiros, de um homem, que a bailarina bem conhecia, pois era frequentador do *Cabaret Rouge*: um tal JERRY GIBSON, libertino e ebrio habitual muito mal visto mesmo nas rodas de notivagos. A presença de MYRTLE, põe-o em fuga e a moça assim tão providencialmente soccorrida responde docilmente ás perguntas de MYRTLE.

Cama-se ROSA INGRAHAM; é orphã, muito pobre e vendo-se em grandes difficuldades para pagar o aluguel da pensão em que vive, tendo sido já ameaçada pela proprietaria de expulsão immediata ,acreditou nas promessas d'aquelle homem, que a levára a sahir em sua companhia a pretexto de apresental-a ao chefe de uma casa commercial que poderia dar-lhe um bom emprego; mas, uma vez na rua, o miseravel tentára conduzil-a para um *cabaret* e, como ella protestasse, perseguira-a d'aquelle modo.

Ouvindo-a, MYRTLE, vai pouco a pouco reconhecendo ROSA. Lembra-se agora bem de que a conheceu ainda creança, quando frequentavam juntas uma escola .Enternecida por esse recordação, resolve auxilial-a, arranjar-lhe uma occupação... E, para começar, já que a infeliz está absolutamente sem recursos, leva-a para sua propria casa.

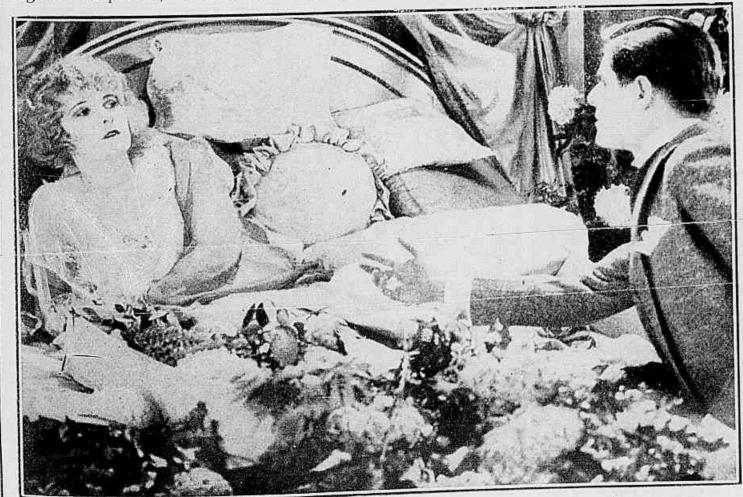
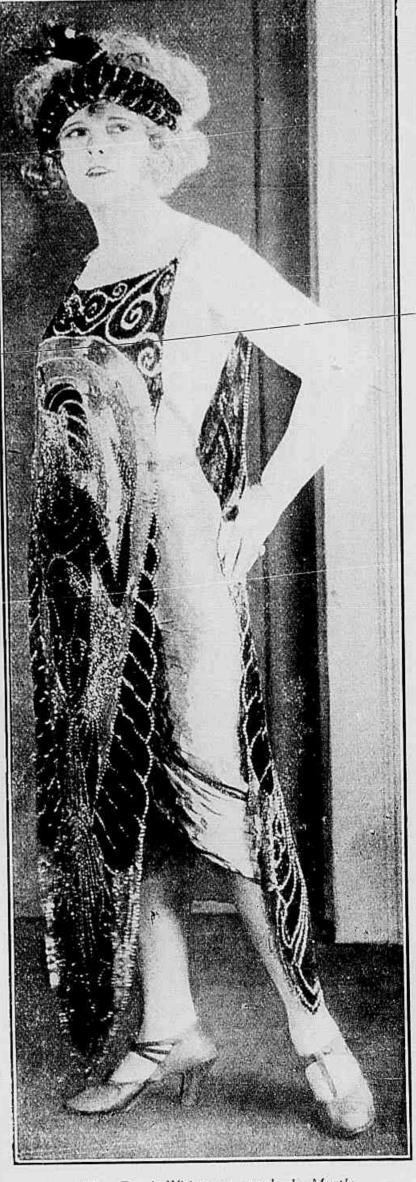
Passam-se algumas semanas e chega o dia do anniversario natalicio de MYRTLE.

Apenas ella desperta, a creada traz-lhe innumeraveis ramos de flôres e presentes, que lhe foram enviados por seus admiradores; mas, ainda assim, vendo seu leito coberto de dadivas affe-

No meio d'aquella alegria tumultuosa, Myrthle só tem olhos, só tem ouvidos para Haroldo

Desconfiada, Myrth acompanhou-os e surprehendeu-os juntos

ctuosas a bailarina continua de máu humor, inquieta, impaciente.

E' que ,entre todos aquelles presentes, enviados com a intenção carinhosa de alegral-a logo ao despertar, ella não encontra uma só flôr, cousa alguma enviada por HAROLDO Examina attentamente um por um, todos os cartões, que acompanham as offertas. Só não encontra aquelle que esperava e mais desejava.

Num gesto de colera, deixa explodir todo o seu despeito, atirando ao chão brutalmente flôres, caixas de bonbons, perfumes...

O rapaz explica-lhe que só dispõe de alguns instantes para estar alli

Miss Pearl White no papel de *Myrtle*

Mas exactamente quando está praticando esse desatino, a creada annuncia-lhe uma visita. E' HAROLDO; e o sorriso volta immediatamente aos labios de MYRTLE.

Porem HAROLD veiu apenas por alguns minutos e explica-lhe que mal dispõe de tempo para lhe apresentar suas felicitações por que tem que acompanhar sua mãi até a estação ferroviaria, onde ella vai partir para uma viagem a que é obrigada pela gestão de sua fortuna.

De novo contristada, MYRTLE insiste para que elle se demore mais um pouco, e, não o conseguindo, fal-o prometter que voltará para passar aquella tarde em sua companhia.

HAROLDO sahe e, chegando á rua, encontra ROSA INGRAHAM, que voltava sua licção de musica, por que MYRTLE, não tendo relações em outros meios, mandou que ella educasse sua voz para figurar a seu lado no *cabaret*, como cantora.

HAROLDO detem-se; ha muitos mezes já elle conhece ROSA; mais de uma vez a encontrou

(Continua na pag. 32)

A Infanta da Rosa

Novella de

CHARLES MULLER

Cinematographada pela Pathé-Consortium *com a seguinte distribuição:*

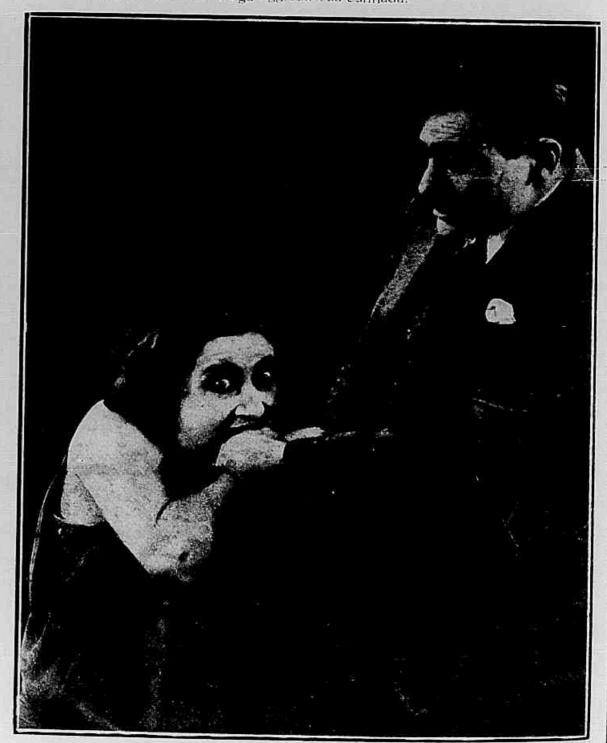
Olivia de Romarin — GABRIELLE LE DORZIAT
A Infanta da Rosa — *Denise Legeay*
Tia Maria — *Mme. Jalbert*
Marquis d'Arbora — *Georges Lannes*
D. Ramirez — *D. Emilio Portés*
Colomb — *A. Gargour.*

A linda FANETTE desposára máo grado os amiudados conselhos de sua irmã OLIVIA, um joven diplomata, o SR. DE COLOMB por quem loucamente se se apaixonára.

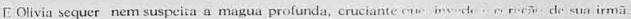
De genio fantastico e paradoxal, o marido mostrava-se ora alegre, ora triste e brutal. Essas desegualdades do humor motivou a separação das duas irmãs que se estimavam profundamente, e condemnou a joven esposa a viver longe de Paris, em uma solidão absoluta.

Doce e terna, FANETTE supportava com paciencia esse jugo cruel sem se lastimar; mas um dia sua paciencia se exgottou, sua magua explodiu e, não podendo mais viver junto de um esposo que evidentemente cessara de a amar, MME. COLOMB chamou em seu auxilio o unico

Desatinado pelo ciume e o despeito, Colomb chega aggredir sua cunhada.

A actriz *Denise Legeay*, no papel de «Infanta da Rosa».

Aquelle homem veiu affrontal-a com impeto bestial; por sua vez Olivia defende-se com o vigor de uma féra.

E Olivia sequer nem suspeita a magua profunda, cruciante que invade o coração de sua irmã.

A bôa tia Ramirez é a confidente natural do coração de Fanette

ser, cuja affeição nunca se desmentira — a de sua irmã.

Generosa e bôa, esta corre em seu soccorro e leva-a para Hespanha, onde residem seus velhos tios: o Sr. e a Sra. de Ramirez. E' ahi que Fanette deve esperar a solução do divorcio, que requereu.

Assim, emquanto Colomb, louco de colera, procura anciosamente a esposa por toda a França Olivia e Fanette gozam a vida deliciosa da Andaluzia.

Installaram-se na formosa casa de D. Ramirez e foram carinhosamente acolhidas pela mais alta sociedade de Sevilha.

No faustoso baile de *Primavera*, que foi a festa mais original da estação, as duas parisienses foram apresentadas ao marquez de Arbona, opulento fidalgo andaluz, que uma recente tristeza cercava de uma lenda romanesca.

As duas irmãs sentiram-se vivamente attrahidas ao notar que elle se parecia singularmente com D. Juan e o proprio marquez, por sua vez, mostrou-se sensivel á graça e ao encanto das estrangeiras.

Albona, não sabendo o nome da mais moça das duas irmãs e comparando-a a uma flôr, appellidou-a A Infanta da Rosa, emquanto que á bella e altiva Olivia de Romanin, deu o nome de Sultana Olivia.

Uma grande sympathia se estabeleceu desde logo entre elle e as duas irmãs. D. Luiz de Artona mostrava-lhes as bellezas de Sevilha, acompanhava-as na maravilhosa procissão da Festa de Deus e uma noite foram ao Alcazar ,onde se perfilam as estatuas das Sultanas e das Infantas, que alli viveram no tempo dos Mouros e e de Carlos V.

A vida das duas irmãs teria o deslumbramento de um sonho, se não fosse perturbado por tia Maria Ramirez, que catholica fervorosa se oppunha francamente ao divorcio de sua sobrinha.

D'esta vez é a felicidade, é o amor tão sonhado, que vem afinal a seu encontro.

Tendo sido interditado o divorcio na Hespanha, a INFANTA DA ROSA, caso se divorciasse expunha-se a não ser mais recebida pela sociedade sevilhana. Por tudo isso a tia não se cançava de qualificar o projecto de abominavel. A SULTANA, ao contrario, aconselha a irmã a romper definitivamente com os laços do hymeneu, afim de ficar livre e poder refazer completamente sua existencia.

Entre essas duas correntes oppostas de opiniões, a INFANTA hesita, sem vontade propria.

Entretanto, subitamente, decide-se, sentindo que D. LUIZ lhe testemunha vivo interesse, quasi semelhante ao amor. Seria elle capaz de lhe crear um novo destino?

OLIVIA perspicaz não teve difficuldade em ver no candido coração da irmã e soffre intensamente com isso, porquanto desde o instante em que viu D. LUIZ, ella que jamais conhecera o amor dedicou todo o seu coração ao garboso hespanhol; apavora-se, porem, percebendo a rivalidade secreta existente entre FANETTE e ella.

Nessa epocha, chega a Sevilha COLOMB, o marido de FANETTE.

Procura-a embora a considere perdida para sempre.

MLLE. DE ROMANIN encontra-o em uma rua de Sevilha; comprehende o perigo immediato que ameaça FANETTE. E' preciso occultal-a. A quem pedir asylo e protecção? A sua tia? não! Essa induziria FANETTE ao perdão.

OLIVIA lembra-se do MARQUEZ D'ARBONA, que um dia lhe dissera: "Disponha de mim, de minha casa, de meus bens!"

Mas o marquez actualmente está ausente; foi visitar sua "Granaderia" para preparar magnificas touradas.

As duas jovens batem á porta do sumptuoso palacio.

A creada, na ausencia do patrão, acolhe-as com dignidade e esconde a refugiada que ahi permanecerá, emquanto estiver em perigo.

COLOMB tendo afinal conseguido saber o endereço das duas irmãs vai ao solar de D. JUAN, acredita ahi surprehdner a esposa, mas apenas encontra OLIVIA.

Trava-se entre elles uma violenta discussão.

A SULTANA exprobra ao cunhada sua brutalidade para com FANETTE, não esconde seu odio, affirmando que sua esposa cessou de amal-o, e que elle não a verá nunca mais. COLOMB louco de ciumes, procura-a em toda a casa.

Amedrontada com suas ameaças, OLIVIA apodera-se do receptor do telephone e grita: "Soccorro!" COLOMB surprehende-lhe o gesto, e vendo-se ludibriado por uma mulher sua ira não conhece limites: esquece o respeito, á cunhada com quem trava lucta, vale-se de uma arma e fere-a. Daqui aterrorisado pelo crime que praticára, foge doidamente.

Em meio d'essa noite tragica, D. LUIZ corre á casa de D. JUAN.

Um doloroso espectaculo se offerece a seus olhos: OLIVIA jaz inanimada.

Estará ella morta? Prodigalisa-lhe os cuidados mais ternos e procura reanimal-a. A SULTANA acaba de se revelar, tão generosa, tão magnificamente corajosa que elle sente repentinamente que a sua affeição por ella é das mais profundas.

Mas só um milagre pode salvar OLIVIA. Esse milagre, INFANTA e a tia, que chegam, imploram ardentemente aos ceus. Deus attende ás orações.

OLIVIA não morrerá.

Apoz longos dias de soffrimentos, de martyrio, volta á vida. Os medicos aconselham então que a conduzam a Granada, para respirar o frescor delicioso das montanhas. E seu pensamento fixo cada vez mais se volve para o seu salvador.

E elle? Ella não acalenta mais illusões, pois vira o Marquez beijar com fervor apaixonado a rosa que a Infanta uma vez lhe dera.

Agora OLIVIA tem horror aos cuidados que a irmã lhe dispensa e quasi não lhe falla.

A INFANTA não comprehende a tempestade que agita o coração da SULTANA, e falla-lhe sem cessar no marquez.

Por fim desesperada pelo ciume, OLIVIA brada seu segredo num accesso de furor:

— Eu o amo, — diz ella — e é a ti que elle prefere!

***

O marquez chegou de Branda.

A INFANTA radiosa sómente pensando em seu amor e na alegria de tornar a vel-o, corre, fremente a encontral-o no Alhambra onde lhe marcára uma entrevista.

E' naquelle quarto magnificente que ella espera a confissão do marquez, mas antes de tudo desejaria resposta á pergunta que encerra a chave do seu destino:

"Um fidalgo hespanhol poderá desposar uma joven, digna de respeito, cujo casamento, entretanto, tivesse sido annullado pela egreja?"

E o marquez responde: "Nunca!"

Elle viera a Granada não pela INFANTA, mas por causa da SULTANA. E' ella que elle admira, que o seu coração procura pressuroso, na ancia do amor ha muito suffocado. Numa noite maravilhosa em que as estrellas convidavam a amar, no jardim embalsamado de perfumes, a SULTANA, recebe a doce e inesperada confissão do marquez.

Mas... quando trocam os primeiros beijos, uma sombra os segue, ouve-os, vê-os... Um grito repercute na noite... depois soluços...

A SULTANA estremece mas o amor é soberano. O amor enlaça-lhe os braços, emquanto que a sombra foge na noite e vai cahir no abysmo.

A aurora pela manhã cobrirá com as ultimas rosas o corpo inanimado da INFANTA.

O fim do mundo

Continuação da pagina 8

da a esse enlace e procura-a em sua residencia. Chega exactamente quando ALLEN revela a CHERRY a difficil situação em que se encontra. Ouvindo essas explicações e não conhecendo os antecendentes do facto, o escriptor imagina que ha entre o caixa e a esposa do banqueiro relações de amor e por isso retira-se sem fallar a CHERRY e sem comprehender a desolação em que a deixa.

Entretanto, como tem bom coração, GORDON apieda-se de ALLEN e depois de lhe dar o dinheiro necessario para que o banqueiro desista de uma acção policial, convida-o para acompanhal-o na nova e aventurosa viagem para a qual se está preparando. Trata-se de passar alguns mezes no pharol situado em um ilhote, isolado muitas milhas do littoral, para estudar *de visu* a existencia de um guardaluz e escrever sobre esses homens um romance, que vem imaginando ha muito tempo.

Precisa porem, de um segundo companheiro para aquella expedição, e, indo ver se descobre quem lhe sirva para isso encontra num botequeim do cáes. DONALDO MAC GREGOR, que tendo regressado a Shanghai e sabido do casamento de CHERRY está disposto a acceitar qual quer contracto, contanto que lhe permitta affastar-se o mais possivel d'aquella cidade.

GORDON entra rapidamente em accordo com elle e leva-o em sua companhia sem saber de suas antigas relações com CHERRY.

Mas, no ilhote, nas longas vigilias do pharol, que o escriptor tomou a seu cargo, seus dois companheiros são instinctivamente arrastados a lhe fazer a narração de sua vida e GORDON vem então a saber que trouxe para alli dous rivaes, exactamente os dois homens apaixonados pela mesma mulher, que dominou seu coração.

A actriz Betty Compson no papel de Cherry O' Day.

Em Shanghai, a situação mudou completamente; sentindo saudades de sua independencia e fatigado de ouvir seus proprios amigos, que lhe censuram a triste vida de sua esposa, o banqueiro propoz a CHERRY um divorcio, assegurando-lhe a subsistencia para obter sua liberdade. E ella acceitou com alegria essa proposta, resolvida a aproveitar tambem a libertação para partir em busca de GORDON, que nunca cessou de amar.

Uma noite, os trez isolados voluntarios são surprehendidos pelos agudos silvos de uma sereia. O mar está em furiosa tempestade e um navio em perigo, alli perto, pede soccorro. Que podem porem fazer trez homens para salvar um navio entregue á furia das ondas?

DONALDO, o mais entendido nesses assumptos baixa a cabeça com desanimo; porem GORDON não se resigna a ficar inactivo diante d'aquella tragedia. Salta para um pequeno bote, o unico que possue alli e adianta-se ousadamente pelo mar, com a esperança de conseguir ao menos recolher alguns naufragos, por que o navio está irremediavelmente perdido.

Salva apenas uma creatura, uma mulher já prestes a desapparecer nas aguas; abordando a ilha com esse precioso fardo, verifica que tem entre os braços aquella que é sua preoccupação constante.

DONALDO, que veiu a seu encontro ergue para o céu os braços com exaltação.

Em seu espirito superstucioso de marinheiro aquelle naufragio constitue uma indicação da providencia. Foi Deus quem lhe enviou CHERRY.

Mas apenas ella recobra os sentidos, notando a frieza de seu olhar, DONALDO, nada se atreve a dizer e com uma vaga suspeita de que ha qualquer mysterio ligando-a a GORDON DEANE, resolve manter-se discretamente afim de observar o que se fôr passando.

Mas surge ante seus olhos uma nova causa para inquietação e furor. HARWEY ALLEN tambem não sabe disfarçar sua paixão por CHERRY e presa de ciume louco, DONALDO entra em guerra aberta contra elle, tornando terrivelmente difficil e existencia de GORDON, que não sabe como conter os dois inimigos naquelle pequeno espaço de terra.

Em vão o escriptor appella para o bom senso de seus dois companheiros, lembrando-lhes que não se devem entregar a suas paixões pessoaes, por quanto a manutenção da luz no pharol exige cuidados incessantes e

Continúa na pagina 28

As Aventuras de Anatolio

NOVELLA DE **ARTHUR SCHNIT**

Cinematographada pela PARAMOUNT PICTURES, com a seguinte distribuição.

Anatolio de Witt Spencer — WALLACE REID
Viviana sua esposa — GLORIA SWANSON
Max Runyon — ELLIOT DEXTER
Satin Synne — BÉBÉ DANIELS
Abner Elliot — MONTE BLUE
Emilia Dixon — WANDA HAWLEY
Gordon Bronson — THEODORE ROBERTS
Annie Elliot — AGNES AYRES
Nazzer Shing — THEODORE KOSLOFF
O regente da orchestra — POLLY MORAN
Hoffmeier — RAYMOND HATTON
Tibra — JULIA FAYE
Dr. Bowles — CHARLES OGLE
Dr. Johnson — WINTER HALL
O criado — GUY OLIVIER
A criada — RUTH MILLED
O lacaio — LUCIEN LITTLEFIELD
ama — ZELMA MAJA
Chorus Girl — SHANNON DAY
Jogadores — ELINOR GLIN e LADY PARKER
Convidados — WILL. BOYD e MAUD WAYNE
O emprezario — FRED HUNTLEY
Chorus Girls — ALMA BENNETT

(Continuação)

Não esperando por esse ataque directo, ANATOLIO tomou a resolução mais prudente: — apanhou o chapéu e sahiu.

Então EMILIA teve um accesso de colera furiosa. Ah!... era assim? Pois muito bôba, seria ella se continuasse a supportar o despotismo d'aquelle maluco. Se elle não estava resolvido a lhe dar seu nome e seu amparo legal, tambem ella não estava disposta a viver alli, como uma escrava, submettendo-se a quanta fantazia puritana lhe passava pela cabeça. Era moça, senhora de seu nariz, queria gozar sua mocidade...

E, no mesmo, instante correu ao telephone para convidar o velho BRONSON para uma ceia... uma d'aquellas ceias alegres e tumultuosas como elle sabia organisar. Sim, por que BRONSON podia não ter educação mas, ao menos era jovial e, desde que ella não *flirtasse* muito escandalosamente, não a aborrecia.

ANATOLIO sahira d'alli profundamente contrariado. Ora para que havia a EMILIA? E ainda ha quem diga que os homens é que são incuravelmente sentimentaes... As mulheres é que não podem admittir que um rapaz se interesse por uma moça, sem imaginar logo que elle pretende seu amor.

Que aborrecimento! Aquillo ia tão bem!

Levou toda a tarde preoccupado e, á noite, não resistiu á tentação de insistir ainda. Com a bréca! Era impossivel que EMILIA não ouvisse a voz da razão. Elle havia de convencel-a de que a amizade é mais pura expressão do sentimento humano, a amizade sem macula, desinteressada...

— Pobre EMILIA — murmurava caminhando para a casa de sua gentil protegida. — Provavelmente vou encontral-a em pranto.

Mas logo do vestibulo ouviu o tilintar de taças de champagne, risadas, cantos descompassados. Abriu rapidamente a porta...

Em cima da mesa luxuosamente servida, EMILIA dansava um passo fantazista, rythmado pelas palmas da assistencia, entre a qual destacava-se pela estatura e pelas gargalhadas o espantoso BRONSON. A' entrada de ANATOLIO, todos se detiveram interdictos e EMILIA pulou para o soalho, abrigando-se medrosamente por traz de BRONSON.

Este foi o unico que não perdeu a calma e observou ao recemchegado com um sorriso triumphante:

— Eu não lhe disse que o senhor estava perdendo seu tempo?

ANATOLIO, contendo-se para não perder a linha, voltou-se para os convidados de EMILIA e disse apenas:

— Façam o favor de sahir. Saiam por que agora é que a festa vai começar.

O pessoal não esperou segunda ordem: viera alli para se divertir e não para assistir a scenas de tragedia. Quando o ultimo desappareceu, ANATOLIO fechou a porta e, sem dar attenção a BRONSON, que se deixára ficar ao lado de EMILIA, começou a quebrar tudo quanto havia alli dentro. Moveis, bibelots, tapeçarias... Tudo foi despedaçado. EMILIA tentou impedir aquelle vandalismo, porem ANATOLIO repelliu-a com um gesto tão furioso, que ella, não se atrevendo a insistir, sentou-se soluçando, no meio dos destroços.

Mas o millionario philosopho não acreditava mais em suas lagrymas. Terminou methodico e implacavel a obra de destruição e retirou-se sem lhe conceder um olhar de piedade.

(Continua na pag. 32)

Durante um dos ensaios do film *As aventuras do Anatolio*. O actor Theodore Kosloff, fingindo de tomar a serio seu papel de mago persa, experimenta sua força hypnotica... sobre o ensaiador Cecil B. de Mille. Ao lado: Wallace Reid e Gloria Swanson apreciam a impassibilidade do ensaiador, que continua tomar notas para a scena seguinte.

O actor Theodore Kosloff no papel de *Nazzer*

Avice em vão procura consolar seu pai do golpe, que o arruinou

Os gastadores

(Continuação da pagina 5).

tenção, sendo apresentada a PERCIVAL durante a viagem, trava com elle uma palestra tão longa, que não é preciso ser propheta para prever que, em pouco, a affeição, que assim começa entre elles, expontanea e rapida, terá caracter dos mais ternos.

Chegando a New-York, os dois têm muito a meudo occasião para se encontrar, e a sympathia, que irrompeu á primeira vista, vai se desenvolvendo num idyllio encantador.

Entretanto, a situação da moça é muito delicada perante SHEPLER, por que seu pai, arruinado, em uma especulação imprudente, está inteiramente á disposição do ousado financeiro e, por assim dizer, vivendo de seu interesseiro auxilio.

Como é facil imaginar, o namoro entre PERCIVAL e AVICE não tarda a se tornar evidente aos olhos de SHEPLER, que, occultando seu furor, resolve fazer frente aquelle inesperado rival pelos processos, que lhe são habituaes; armando manhosamente em torno d'elle uma verdadeira emboscada, um golpe de Bolsa, que o arruine e ao mesmo tempo o deixe em situação de parecer, que agiu commercialmente com má fé. Assim o rapaz ficará desmoralisado não sómente aos olhos dos potentados da alta finança como principalmente aos olhos de AVICE, que então, certamente, não mais pensará em casar com elle.

Todo o seu plano foi longa e habilmente combinado e nada parece capaz de se oppôr á realisação de seus crueis e trahiçoeiros designios; mas não era possivel a SHEPLER armar essa trama sem metter no segredo alguns cumplices e, d'esse modo, a noticia do que elle está preparando chega a Montana-City e cahe nos ouvidos do velho PETER BINES, tio de PERCIVAL, e um homem de caracter curiosissimo.

Não ha muito tempo que elle se recolheu áquella cidade de provincia, resolvido a viver tranquillo para o resto de seus dias. Antes d'isso, porem era em New-York que agia; foi alli que accumulou sua fortuna assaz respeitavel em dous ou trez lances, que deixaram estupefactos, deslumbrados e alarmados os mais famosos financeiros de Wall Street. Secco, taciturno, vivendo sempre absolutamente só, sem amigos nem confidentes, o velho PETER deixára fama temerosa. Os mais opulentos, os mais felizes nas rudes batalhas da Bolsa, não lembram seu nome sem sacudir a cabeça com ar concentrado. Homem perigoso aquelle! Não se sabia nunca o que elle pensava e suas decisões eram sempre as mais seguras, seus actos os mais efficazes. Sabia prever o exito ou o desastre a cem leguas de distancia e não se enganava nunca.

Pois foi esse homem quem teve noticia da engenhosa urdidura tentada por SHEPLER para inutilisar commercial e moralmente seu sobrinho. E calado, sem um gesto, sem uma expressão, decidiu parar o golpe e proteger PERCIVAL.

Para isso, sahiu discretamente de Montana-City, chegou a New-York, installou-se quasi em segredo num escriptorio em Wall Street e começou a agir por seus processos, que outr'ora lhe tinham trazido tão grande exito.

Poucos dias depois, irrompe, como uma bomba, na Bolsa, o golpe preparado por SHEPLER, uma verdadeira rasteira, que atira por terra o ingenuo PERCIVAL e, ao mesmo tempo, com grande surpreza para todos e principalmente para o autor d'aquella infamia, duplica a fortuna do velho PETER.

Sem se alterar, sem dar attenção ao espanto, que a revelação de sua presença e de seus ganhos lança nas rodas financeiras, o velho serenamente divide o dinheiro, que obteve graças a SHEPLER. Uma parte é destinada ao pai de AVICE, a permittir-lhe que recomece sua existencia com independencia; a outra... a outra tambem elle já sabe como ha de empregar; mas primeiramente quer ver que attitude terá PERCIVAL diante d'aquelle duro golpe. E quer observar tambem a attitude de AVICE, diante da noticia de que seu namorado está reduzido a completa ruina.

Seus dous desejos são promptamente satisfeitos. PERCIVAL não teve sequer um momento de hesitação. Vendo perdido o negocio em que estava empenhado, liquidou-o. Com prejuizo, é claro; prejuizo total e irremediavel, mas desinteressando todos os credores com tão rigoroso escrupulo, que inutilisou a segunda parte do plano de SHEPLER, dando a todos a impressão bem nitida e segura de sua absoluta honestidade.

Depois, completamente sem recursos e resolvido a viver de seu proprio esforço, nem sequer tratou de indagar se ainda lhe restava um amigo. Foi procurar um emprego. O primeiro que encontrou, foi em uma garage, emprego modesto mas que lhe garantia desde logo o pão quotidiano, graças a seus conhecimentos de mecanica. Acceitou-o e atirou-se resolutamente ao trabalho.

Pela primeira vez, o velho PETER animou um pouco sua face tradiccionalmente impassivel e foi rondar a pequena usina em que seu sobrinho se empregára.

Pouco depois AVICE chega. Seu pai já recebeu os subsidios, que lhe foram reservados pelo velho PETER; já recuperou uma situação honrosa e ella vem, em seu proprio automovel; mas não poude resistir ao impulso natural de seu coração e vem dizer a PERCIVAL que pobre ou rico elle continua a ser seu noivo o unico que ella acceitará perante Deus.

Infelizmente esse idyllio é interrompido. O irritado SHEPLER não podia acreditar que AVICE ainda pensasse naquelle rapaz arruinado e perdido perante a alta finança new-yorkina; vigiava-a, seguia-a e, vendo que ella vem em busca do rival não pode conter um impeto furioso, que o lança entre os dois frenetico e vociferante.

-Mas o velho PETER julga que é tempo de intervir; elle conhece todo o mysterio; diante d'elle SHEPLER é forçado a confessar que foi o autor da ruina de PERCIVAL; diante de seus olhos frios e implacaveis, elle é forçado a curvar a cabeça e retirar-se.

O velho PETTER já não parece o mesmo. Sorri. Aquella face que parecia mais rija do que os rochedos de Montana, illumina-se num sorriso de intensa satisfação. Foi ainda elle o vencedor; e, d'esta vez, não venceu para ganhar, para dominar; foi para fazer a felicidade d'aquelle par tão apaixonado, que já o esqueceu e, parece ignorar sua presença, tão embevecido está cada qual na contemplação do outro.

YARRY LEON WILSON

O fim do mundo

(Continuação da pagina 26)

preciso que um, pelo menos, esteja sempre attento a seu serviço.

Por maior precaução, GORDON, mantem reserva absoluta sobre seus proprios sentimentos com relação a CHERRY, porem esta imprudentemente, vendo-se assediada pelas declarações de DONALDO e de HARVEY é para elle que se volta, supplicando sua protecção. Isso ainda mais exaspera o piloto, que desde esse dia, vendo que não pode mais confiar nos homens que com

elle alli vivem, começa a manifestar symptomas de verdadeiro desequilibrio mental.

Uma noite, receiosa de ficar na cabana, que foi armada para lhe servir de dormitorio, CHERRY dirige-se ao pharol, pensando que é o escriptor quem está de serviço nesse momento; e alli encontra HARVEY, que, delirando de alegria ao vel-a, só tenta tomal-a nos braços. Mas DONALDO, sempre vigilante, seguira-a e, entrando subitamente na pequena camara do pharol, trava com HARVEY luta furiosa.

CHERRY vendo-os atracados na estreita plataforma, que domina o mar a grande altura, grita por soccorro; DONALDO, quasi dominado pelo adversario e em risco de ser precipitado do pharol, tem um impeto sobrehumano e enlaça a pobre moça, resolvido a arrastal-a na morte.

Felizmente, GORDON viu do littoral os dois vultos em luta e chega a tempo para deter CHERRY, emquanto os dois inimigos rolam pelo espaço.

Ficam sós na ilha, por muitos mezes, até que chegue o navio semestral com a nova guarnição para o pharol. Ficam absolutamente sós. Mas que importa? Dous apaixonados dispensam qualquer companhia.

ERNEST KLEIN.

Conquistada como uma preza de guerra

Paixão de barbaro ou o Sheik

(Continuação da pagina 11)

verdadeira historia, que elle mesmo não conhece, por que o escriptor só a desvendou ultimamente, em suas recentes pesquizas, entre as tribus do sul.

AHMED não é Arabe; é Norte-Americano. Seu pai era um homem de sciencia, que viera áquella região em buscas archeologicas. Sua pequena caravana fôra atacada por bandidos do deserto e elle perecêra em combate. Sua esposa e seu filho, que era ainda muito pequeno, tinham sido vendidos ao *sheik* d'aquella tribu. A mulher morrera pouco depois. O *sheik* affeiçoara-se tanto ao menino, que o educa, ra como seu filho predilecto e fizera d'elle um brilhante guerreiro, occultando-lhe sempre sua origem para que elle fosse um fiel defensor do Islam.

Quando terminava essa narração, o SR. DE SAINT HUBERT notou que o ferido, com os olhos muito abertos, fitava-o intensamente. AHMED despertára e ouvira toda a revelação.

Ficou por alguns momentos pensativo e quasi triste; mas depois, seus olhos se voltaram para DIANA e elle sorriu, tão docemente que ella comprehendeu o que se passava em seu cerebro.

E seu olhar confirmou. Sim.. agora que razão teria elle para negar que o ama?

A convalescença foi longa; mas uma madrugada, já lepido e agil, AHMED montou a cavallo la partir com DIANA e o escriptor, partir para Biskra e de lá para a Europa, para a civilisação para a felicidade.

EDITH B. HULL.

Apparencias

(Continuação da pagina 19)

crescentes difficuldades financeiras em que se debate.

Varios contractos, que havia proposto a emprezas de construcção falham, um a um e, desanimando de vencer, HERBERT com uma variante brusca peculiar aos impulsivos, desiste subitamente de lutar e abandona-se a uma ociosidade perigosa, procurando esquecer seus desgostos nos *bars*, de onde volta para casa, quasi todas as noites ignominiosamente embriagado..

Essa situação chega a tal ponto que, não podendo mais supportar seus desmandos, KITTY abandona o lar e vai pedir refugio a sua irmã na modesta casa de chá, que ella dirige. Só então conversando longamente com IGNEZ ,a esposa do architecto vem a ter conhecimento da paixão que inspirou a LORD RUTHERFORD.

Poucos dias depois, DAWKINS apparece alli, declarando que precisa de fallar a sós com KITTY sobre negocio, que interessa muito seu marido. O miseravel vem cynicamente propor-lhe a exploração do cheque, que roubou em sua casa. Não tendo conseguido recebel-o no banco, por que elle foi redigido em nome de KITTY, vem propor á moça dividirem a "bolada". KITTY recusa com indignação; mas depois, comprehendendo que é absolutamente indispensavel arrancar aquelle papel das mãos do explorador, procura entretel-o com uma palestra e, recordando-se de que DAWKINS é um jogador apaixonado, propõe-lhe uma partida de *pocker* "para passar o tempo".

O especulador não resiste á tentação; joga. Joga e perde, perde de tal modo que depois de entregar todo o dinheiro que trazia, joga tambem o cheque falsificado, que immediatamente é enviado por KITTY á LORD RUTHERFORD.

O fidalgo fica estupefacto ao receber aquelle papel e não comprehendendo a significação da remessa e muito menos da alteração da quantia, vai procurar KITTY para lhe pedir uma explicação.

HERBERT, que, desde o abandono de sua esposa, deixára de

Desanimado por seus insuccessos commerciaes, Herbert volta para casa embriagado e tem acessos de colera desatinada.

beber e vivia, minado pelo ciume, em vigilancia nos arredores da casa de chá, vê-o entrar e segue-o mais convencido do que está sendo trahido. Interrompe com violencia desmedida a conversação; mas, obrigado a reconhecer a absoluta pureza de sua esposa e a irreprehensivel lealdade de LORD RUTHERFORD, elle é o primeiro a supplicar seu perdão.

LORD RUTHERFORD ouve-o com um sorriso paternal e aconselha-o. O que o pôz a perder foi a vida tumultuosa de Londres, foi o habito de viver escravisado ás regras de bom tom e ao preconceito das apparencias. Pode acceitar aquelle cheque com a emenda que elle consagrará de novo com sua assignatura; pode acceital-o por que elle o offerece a KITTY, como signal de gratidão pelos excellentes serviços, que lhe prestou; e tem o direito de lhe fazer esse presente por que é um velho, um homem, que podia ser seu pai. Com esse dinheiro, poderão os dois ir recomeçar a existencia no Canadá, terra nova, terra de esperanças, terra de gente simples, onde ninguem se deixa illudir por apparencias e cada homem é tido por seu proprio valor.

HERBERT hesita ainda; porem KITTY impelle-a docemente e elle aperta a mão de LORD, reconhecido, acceitando o auxilio e o conselho.

EDWARD KNOBLOCK

Os piratas do ouro

(Continuação da pagina 14)

falso, e de cuja falsidade elle ainda não suspeita.

Mas eis que um novo incidente vem complicar sua aventura.

A um movimento que não poude conter o rapaz fez cahir a armadura por traz da qual se achava escondido. O susto por que passou GABRIELLA nesse movimento foi indiscriptivel. Mas os dous nem sequer tiveram tempo de entrar em explicações quando novamente se precipitaram naquella casa os trez bandidos que vieram offerecer nova luta a JORGE. Este denodadamente acceitou o embate a despeito de desegualdade de forças e empenha-se em mortifera peleja.

Nisso chega o pai de JORGE o velho AUSTIN TUTTLHE que disfarçado com longa barba assiste á medonha luta sem poder prestar o seu concurso ao filho.

Os bandidos haviam voltado para aquella casa afim de rehaver um paepl, que cahira do bolso de um delles quando pela primeira vez lutavam com JORGE.

Mas tiveram que abandonar terreno vendo-se na imminencia de serem apanhados por um *detactive*, que vinha em seu encalço, com mais trez ou quatro homens, pois a policia já tivera sciencia de que aquella matilha exercia o crime de contrabando.

Livres dos bandidos AUSTIN e JORGE entraram em explicações com GABRIELLA a qual perdoando a offensa que JORGE lhe fizera e sabendo porque tinha vindo até aquellas paragens, promette auxilial-o na difficil empreza.

(*Continua no proximo numero*)

MARGUERITE MARSH, que começou seus trabalhos cinematographicos com DAVID W. GRIFFITH e que é muito conhecida em films de curta metragem ou em series ,acaba de ser contractada pela *Fox* para ser a 1.a Dama de DUSTIN FARNUM.

Um aspecto da mesa por occasião dos brindes

Scena de um film nacional em preparo na *Brasilia-Film*

Um dos copiadores dos studios da Brasilia-Film

A inauguração da Brasilia Film

A tarde de 27 do mez proximo findo, marcou uma data notavel para a cinematographia em nossa terra, com a installação da *Brasilia Film*, organisação nacional, que se propõe a fazer cinematographia geniunamente brasileira quer em films descriptivos e pittorescos, quer em films scientificos, quer em dramas e comedias.

Attendendo a gentil convite do Sr. Salvador de Aragão, a SCENA MUDA fez-se representar nessa auspiciosa cerimonia, que teve assistencia de muitas pessôas gradas e technicos.

No acto da inauguração foi dada a palavra ao Dr. Raphael Pinheiro, que fallou sobre a bella tentativa que ora se inicia com apparencias tão futurosas, inaugurando na sala principal o retrato do Dr. Padua Rezende. Saudou tambem o Sr. Salvador Aragão fundador e director da empreza e os srs. Mario Bhering e Renato de Castro, aos quaes — diz o orador — tanto deve a cinematographia no Brasil.

O Dr. Padua Rezende, em breves palavras, agradeceu a saudação a fez o historico da *Brasilia Film*.

Fallou depois o Dr. Mario Bhering.

Em seguida pessôas presentes visitaram as installações da empreza, na qual, por nimia gentileza, foi dado a uma secção o nome de um de nosso directores.

Foi então servido lauto *lunch* e, ao champagne, o SR. BORJA DE ALMEIDA fez um brinde em nome da imprensa.

Felicitamos vivamente os SRS. PADUA REZENDE e SALVADOR DE ARAGÃO, augurando á *Brasilia Film*, o mais prospero futuro.

O Pavão de Broadway

(Continuação da pagina 23)

nas ruas de New-York e, impressionado por sua belleza suave e modesta, seguira-a de longe, sem se atrever a fallar-lhe, mas attrahido por uma sympathia lisongeada por esse timido homem; esses encontros tinham-se se repetido e, das ultimas vezes, ella já sorria quando o via empallidecer e corar antes de se atrever a fital-a por alguns momentos.

Nessa manhã, encontrando-a frente á porta da casa de MYRTLE, HAROLD creou coragem e, a pretexto de perguntar-lhe se morava alli, se conhecia a bailarina, atreveu-se a dirigir-lhe a palavra. Ella respondeu-lhe enleiada, mas satisfeita por ver que elle afinal cessava de resistir ao doce encanto que o ia prendendo pouco a pouco.

Entretanto, MYRTLE saltára do leito e correra á janella para ver ainda uma vez esse em quem concentrava suas melhores ambições e agora tambem seu amor. Viu-o em palestra com ROSA e uma primeira suspeita penetrou em seu coração; mas, como os dois logo se separaram, ella resolveu não demonstrar por emquanto seus ciumes, que podiam ser injustificados.

Depois de se ter despedido de sua mãi, na estação, HAROLDO recusa ao convite, que lhe é feito pelo SR. ROBINSON, advogado de sua familia para ir almoçar em sua casa.

O advogado insiste; o rapaz explica-lhe que promettеu voltar á casa de MYRTLE MAY e, á vista d'essa confidencia, o velho amigo anima-se a dar-lhe alguns conselhos ,pedindo-lhe que rompa as relações com "essa mulher", antes que sua mãi tenha nha d'isso conhecimento.

— Porque? — pergunta YAROLDO., corando.

— Por que isso havia de lhe causar grande desgosto. MYRTLE não é uma creatura, que você possa desposar, portanto, o mais prudente é affastar-se d'ella, emquanto é tempo.

Impressionado por essas palavras, HAROLDO vai á casa da bailarina e, encontrando-a no meio de gente pouco recommendavel — frequentadores do *cabaret* e artistas do *music-hall*, que se divertem desordenadamente, — não consegue disfarçar seu máu humor.

Notando que elle parece aborrecido, MYRTLE pede-lhe que a vá esperar no vestibulo, emquanto ella encarrega MAUDE de fazer as honras da casa.

O rapaz obedece immediatamente; mas, pensando que, elle se vai retirar, ROSA segue-o.

Quando MYRTLE afinal consegue se libertar de suas visitas e chega ao vestibulo, encontra-os em palestra tão doce e intima, que não pode maais ter duvidas sobre a affeição, que os une.

Considerando esse namoro uma trahição infame, MYRTLE tem um accesso de colera furiosa e denuncia-os com grande escandalo a seus convidados e, expulsard -os de sua casa.

Assim é ella quem força o destino; por que, sabendo que ROSA é uma moça de procedimento irreprehensivel e vendo-a compromettida por sua causa, HAROLDO toma a unica resolução compativel com os deveres de um homem de bem. Conduz a pobre moça á presença de sua mãi e relata-lhe lealmente o que aconteceu.

MRS. VAN TASSEL é uma senhora de costumes rigidos e severos mas de bom coração e, approvando o procedimento de seu filho, toma ROSA sob sua protecção e conserva-a em seu lar.

Ao ter noticia d'essa inesperada consequencia de seu acto brutal, MYRTLE fica tão irritada que vai á casa de MRS. VAN TASSEL e procura intrigar ROSA, affirmando que ella já teve varios *flirts* no *cabaret* e simula amor por HAROLDO, por que elle é o mais rico entre todos os que a requestam.

A nobre senhora, julgando-se illudida em sua bôa fé, ordena a ROSA e HAROLDO que se retirem de sua casa.

MYRTLE triumpha; mas oSR. ROBINSON, levando-a a seu gabinete, appella para seu bom censo e faz-lhe ver a crueldade, a injustiça, que está praticando.

Tomada de remorsos, alli mesmo a bailarina escreve á mãi de HAROLDO desdizendo suas accusações e confessando que mentiu por despeito.

***

E' noite de Natal.

No salão do luxuoso palacete VAN TASSEL, HAROLDO e ROSA enfeitam a arvore, conversando em voz baixa e sorrindo. O advogado e a illustre senhora observam -os e trocam um olhar de discreta cumplicidade.

Aquelle casamento não tardara muito.

No *cabaret* tambem se festeja o Natal com tumulto e gargalhadas.

No meio d'aquella falsa alegria, MYRTLE mal pode conter sua magua; mas ri. Resignadamente, acorrentada a sua profissão é obrigada a rir. E dá de hombros quando MAUDE lhe recorda sua previsão pessimista.

Paciencia. Cada qual tem seu destino. Ella escolheu o peior caminho. Agora é seguir por elle e não aggravar seus soffrimentos com lamentações inuteis.

JULIA TOLSVA

A orphãsinha

(Continuação da pagina 15)

sabendo que a sua querida menina estava no hospital da villa, em virtude do desastre em que quasi perecera justamente com PEDRO, o sobrinho do vigario, NEMORIN correu para alli sendo recebido com todas as honras, pois havia chegado um telegramma do conde de REALMONT informando que ia até alli attendendo ao chamado do sacerdote.

Era claro que se tratava de um falso conde de REALMONT, o que se explica, visto como fôra SAKOUNINE quem recebera a carta em que o padre MÉRAL pedia ao conde que fosse a S. Lourenço, e logo ao embarcar no *yacht* com o verdadeiro conde enviara um comparsa para se apoderar da herdeira d'aquella fortuna immensa.

Assim todos na aldeia esperavam o conde, e quando NEMORIN chegou suppuzeram ser elle a alta personalidade.

Foi preciso que NEMORIN desfizesse esse engano, explicando que o conde não podia vir e se alguem annunciára sua chegada devia ser um intrujão, porquanto seu antigo official estava em viagem para a Africa.

Felizmente o jovem PEDRO MÉRAL, tambem conhecia o conde, de maneira que quando o falso REALMONT chegou num automovel, foi por elles desmascarado e se não fugisse precipitadamente teria que ajustar contas com a justiça dos Alpes.

Mas esse incidente vinha demonstrar que a orphã corria perigo, desde que o bando de SAKOUNINE descobrira seu paradeiro, pelo que ficou resolvido levar JEANNE para os suburbios de Paris, para a casa da cunhada do cura, a mãi de PEDRO MERAL.

(*Continua no proximo numero*)

As aventuras do Anatolio

(Continuação da pag. 23)

Como chegou á casa o pobre ANATOLIO!...

Tão cabisbaixo e humilhado pelo fracasso de suas pretenções apostolicas, tão envergonhado e arrependido que VIVIANA não teve animo para lhe guardar rancor e, logo no dia seguinte, anciosa por distrahil-o de sua tristeza e desannuviar os horizontes, convidou varias pessôas amigas para uma reunião.

Mas um novo incidente não tardou a perturbar a tranquilildade do bom ANATOLIO. Uma das amigas de VIVIANA, senhora muito apaixonada por questões esotericas e estudos de occultismo, trouxe á reunião o famoso "professor" NAZZER SINGH, um persa, que se dizia dotado de prodigiosas faculdades como magnetisador.

Para attender a sua amiga, a esposa de ANATOLIO apresentou aos convivas o "illustre sabio", declarando que, "por nimia gentileza" elle se prestaria a fazer algumas experiencias de altasuggestão. E perguntou:

— Não ha quem queira experimentar?

Ninguum se moveu. Então, para que esse intermedio não falhasse, a propria VIVIANA, dedicou-se e subiu ao estrado onde o "professor" esperava gravemente os experimentadores.

O Persa fixou o olhar negro e ardente sobre a face encantadora de VIVIANA e impoz-lhe sua vontade intensamente concentrada, suggerindo-lhe uma fantazia.

Ella devia julgar-se á borda de um rio de aguas crystalinas e sussurrantes; um rio de encanto magnifico, com um aspecto de frescor delicioso. VIVIANA estremeceu ao choque das emanações electricas, que o olhar d'aquelle homem despedia. Suggestionada por elle, viu o rio e não resistiu á tentação da agua cantante. Curvou-se enlevada, descalçou os sapatinhos minusculos, as meias finissimas e, erguendo a fimbria do vestido, cil-a a mergulhar os pequeninos pés no tapete com os gestos medrosos e os arrepios de quem sente as caricias da agua.

Todos sorriam extasiados, mas ANATOLIO não podia ver sua esposa sugeita áquelle ridiculo. Até onde a levaria aquelle homem com aquelle poder suspeito? Precipitou-se, tomou VIVIANA nos braços e levou-a do salão, depois de pedir ao mago, muito seccamente, que se retirasse.

No dia seguinte, para esquecer aquelle incidente, o jovem millinoario resolveu ir com a esposa passar alguns dias no campo, em uma povoação distante.

(*Continua no proximo numero*)

E' de se julgar que foi organisada uma sociedade monstruosa entre todos os paizes do mundo para conjurar contra o cinematographo os esforços nefastos do imposto e da censura.

Na Hespanha, por exemplo, uma taxa de 45 pesetas (mais a differença de ouro!) por kilo de film ataca toda a producção exportada de França. Mas esse tratamento é excepcional por que a producção cinematographica de outras nacionalidades é taxada sómente a 15 pesetas por kilo. E' necessario recordar aos Francezes que ainda ha Pyrineus.

Na Belgica, uma censura ridicula, e na qual a voz feminina tem uma preponderancia encantadora talvez, mas incompetente, só tem em vista as creanças.

Em França, a Alfandega impões uma taxa de 20 % *ad valorem* sobre a entrada de films estrangeiros e os estabelecimentos fecham as portas sob o peso das taxas diversas e prohibitivas.

Sómente na Allemanha, o cinematographo é uma industria do Estado! Para elle os bancos abrem-se, as tarifas aduaneiras abaixam-se. Graças a essas facilidades, o film allemão pode entrar em todos os paizes ás torrentes.

MARGUERITE COURTOT nasceu em New-York., educou-se na Suissa. Trabalhou para a *Famous Players*, a *Selznick* e a *Pathé*. Vive actualmente em Wechawken.